

# A Brasília que fica distante do poder

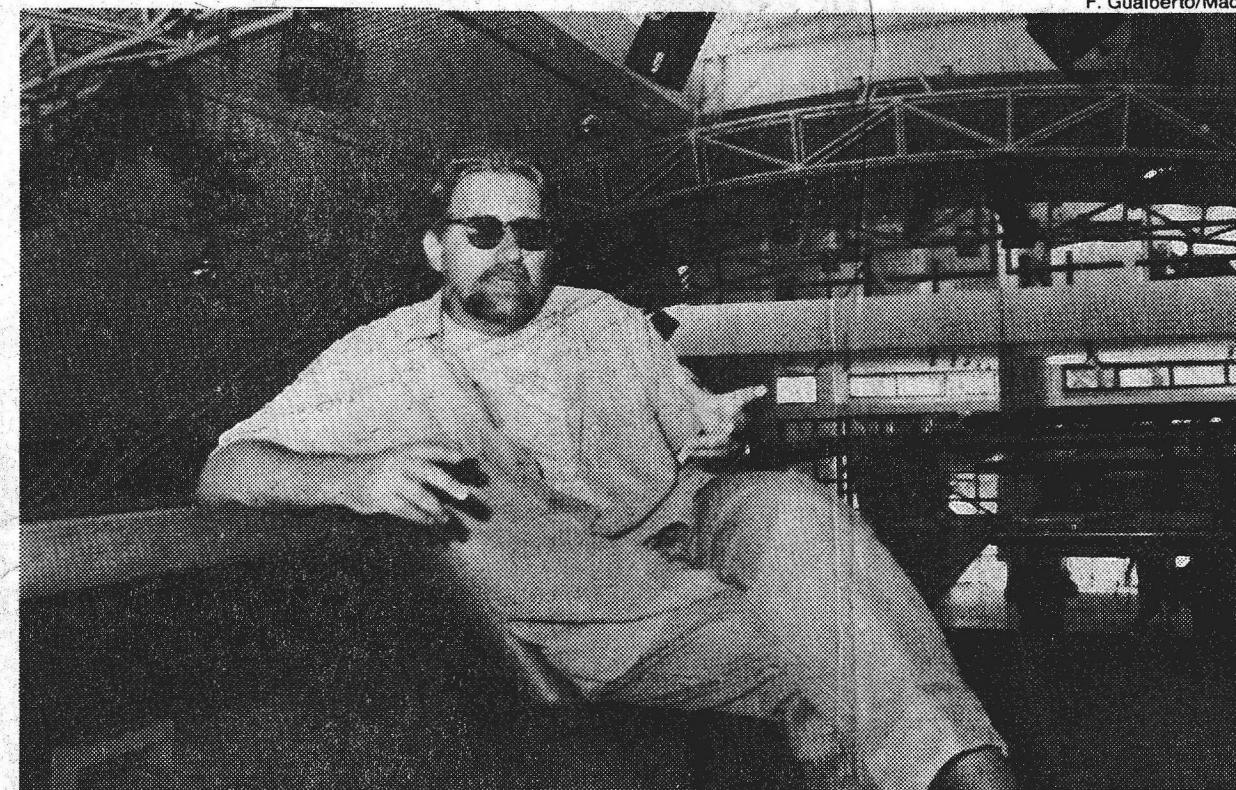
■ Favorecida pela harmonia da arquitetura e pela extrema leveza das formas, a arte tem presença forte na vida da Capital

Há uma Brasília que não freqüenta a Praça dos Três Poderes. Que passa ao largo das CPIs do Orçamento, do impeachment de Collor e de outros escândalos que envergonham o país. Há uma Brasília do Capital Inicial, do Legião Urbana. De Cássia Eller e Eliana Carneiro. De Athos Bulcão e Cildo Meirelles. Uma Brasília do Oficina Blues, que recria o blues e agita a cidade. Há outros centros em Brasília - além e acima do centro do poder.

A síntese dos grandes problemas nacionais, para alguns. A falta de ter o que fazer, para outros. Ou, simplesmente, a curtição dos espaços da cidade e de seus astrais. Seja qual for a razão, o fato é que Brasília, nesses 34 anos, produziu muitos e importantes artistas, além de acolher outros tantos. Cada um com a sua leitura particular do que a cidade é, como capital do país. Muitos saíram. Mas raros são os que não têm com Brasília uma relação afetiva forte, uma paixão.

A cidade estimula o recolhimento? É disso mesmo que precisa o poeta e diplomata Francisco Alvim. "Poesia e literatura são mesmo atividades solitárias", diz Alvim, que é capaz de consumir horas em conversas para falar sobre sua paixão pela cidade. Chico Alvim, como os amigos o chamam, é mineiro e, como diplomata, já morou em muitos países. Mas é aqui que se encontra e reencontra. "Eu vivo aqui com os meus livros. Cheguei em Brasília maduro e não tenho mais a ânsia de um jovem por novas informações e experiências. A harmonia da arquitetura, a leveza extraordinária dos prédios, os espaços são coisas que me prendem a Brasília", diz Francisco Alvim.

**Evasão** — Para muitos artistas, sair de Brasília é uma contingência natural da falta de condições para atingir os mercados de arte do Rio de Janeiro e de São Paulo. Para os músicos, então, a ausência das gravadoras torna a mudança para aqueles dois centros uma questão de sobrevivência. O artista plástico Cildo Meirelles veio do Rio para Brasília em



O poeta Tetê Catalão está reativando um dos mais importantes espaços culturais da cidade: o da 508 Sul

1967. Morou dez anos na Capital e fechou o círculo retornando ao Rio, onde está atualmente.

"A minha saída de Brasília se deu por uma curiosidade natural e pelos convites que se sucederam. Mas a experiência de dez anos foi

muito importante para mim. Tenho uma relação afetiva muito forte com a cidade e vou sempre a Brasília para rever amigos e a minha mãe", afirma Cildo.

Um dos maiores artistas plásticos do Brasil, Athos Bulcão veio no

mutirão utópico que construiu Brasília. E adotou a cidade para sempre. A Fundação Athos Bulcão, criada há dois anos, tem, dentre outras finalidades, implantar um centro de artes visuais, reunir importante acervo sobre a época de

criação da Capital e divulgar a obra do próprio Athos Bulcão, segundo revela o secretário executivo da instituição, o também artista plástico Evandro Salles.

Ainda faltam a Brasília infra-estrutura, apoio e espaços para que a arte — feita localmente ou vinda de fora — tenha uma presença mais forte na vida da cidade. Neste momento, por exemplo, não se dispõe sequer de um grande ginásio para apresentação de shows de maior porte.

Severino Francisco, um dos mais atentos e rigorosos jornalistas da área de cultura, cita como exemplo o Museu de Brasília, que até hoje não passou da intenção e pretensão de ser um centro de artes e cultura. O poeta e coordenador do Espaço Cultural da 508 Sul, Tetê Catalão, que não pensa em sair de Brasília, reafirma que a falta de estúdios de gravação não deixa alternativa aos músicos, senão migrar para o Rio ou São Paulo.

Tudo isso, segundo Francisco Alvim, é comprensível: uma cidade com pouco mais de 30 anos ainda se acha em estado embrionário e "tudo está por ser criado",

afirmação que vale não apenas para as condições de trabalho, mas para a formação e cristalização de um processo cultural que sirva de base e referência para novos artistas.

Se as bandas que sacudiram o rock nacional da década de 80 tiveram de deixar Brasília para encarar o mercado do Rio e São Paulo, a cidade recebe outros tipos de migrantes das artes. O caso do artista plástico e músico Bené Fontelles. Apaixonado por Brasília, o matogrossense Bené deixou São Paulo quando sua carreira estava no ápice, para morar aqui. Místico, ele explica sua opção: "Decidi morar em Brasília pelas coisas de poder que a cidade emana e não pelo poder da cidade enquanto centro de decisões do país."

Hoje, Bené Fontelles lidera o Movimento Artístico da Natureza e tem como aliados artistas como Egberto Gismonti, Tomie Othake, Athos Bulcão e Aldemir Martins. O movimento já conseguiu criar o Parque Ecológico da Chapada dos Guimarães (MS) e luta agora pelo reflorestamento das nascentes do Rio São Francisco.



A artista plástica Leda Watson, radicada em Brasília: nome nacional